



PONTOS E CONTRAPONTO DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO DE CASO EM BEZERROS – PE

Ana Maria da Silva

Faculdade Norte do Paraná – FACNORTE – spmfacnorte@jalig

Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa

Faculdade Norte do Paraná – FACNORTE – profalbalucia@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como finalidade compreender os entendimentos de professores e de alunos da Educação de Jovens e Adultos referentes aos avanços e desafios sobre a avaliação da aprendizagem, sendo desenvolvido na Rede Pública Municipal de Ensino de Bezerros-PE. A pesquisa de caráter qualitativa, utilizou-se da observação participante e de questionário semiestruturado como instrumento de coleta de dados. A análise de dados estabelece diálogos com teóricos entre a prática vivida no campo da avaliação na EJA e os estudos no campo da avaliação escolar. Percebemos que torna-se complexo dialogar com o ensino e a aprendizagem quando se trata de avaliação, principalmente com alunos que na sua trajetória de vida trazem à exclusão do processo de escolarização enfrentado na infância e ou na adolescência. Constatamos na pesquisa que os entendimentos e práticas avaliativas da maioria dos docentes corroboram para prática de uma avaliação inclusiva, baseada no diálogo, construída no acolhimento e integração dos educandos num processo contínuo de aprendizagem e que um pequeno percentual dos docentes ainda revelam contradição entre o que pensam sobre a avaliação e o que praticam no cotidiano escolar. Sendo necessário ao professor/professora que a escola apresenta-se como um ambiente de pesquisa, que atenda às precisões de suas práticas, tendo os sistemas de ensino um plano de carreira que preveja as condições para uma formação continuada sistemática, contextualizada e valorizada, entretanto, para que este contexto se concretize, é preciso está relacionado com o desejo dos educadores de querer repensar o conjunto da prática. Palavras-chaves: Avaliação da aprendizagem, EJA, Formação de professores.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos de profundas mudanças, de contestação de toda ordem. Época marcada pela busca de novos sentidos e de novas práticas, que estejam mais próximas da histórica condição humana e que contribuam para a reconstrução do atual contexto educacional. Vivemos uma realidade onde a voz da modernidade cede lugar à pluralidade cultural, étnica, política, científica, em que a transição anuncia a chegada da pós-modernidade. Respiramos a intensa atmosfera das inovações constantes que seguem vários caminhos, reconstruindo-os. Esse atual cenário se refaz permanentemente produzindo novas exigências, desejos, utopias, projetos, exigindo também novos e diversos sujeitos que atuem ativa e criticamente na composição da sociedade. (SILVA, 2003).

Nesse cenário complexo é que a função e a estrutura administrativa da escola é questionada, revisada e revisitada. Perspectivas teóricas e políticas se embatem no intuito de ressignificar a educação e o papel sócio — pedagógico das unidades educativas. Nesse quadro surge questionamento: Quais as funções da avaliação escolar no processo de ensino e aprendizagem?



Sabemos que desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, principalmente os alunos, são suprimidos pela forma como são avaliados, cobrados, medidos, classificados, sendo rotulados por notas ou conceitos, tornando-se o fim da avaliação, e não um meio pelo qual se reconduz e inclui o sujeito no processo de ensino e aprendizagem. Afirma Méndez (2002, p. 13), que “Avaliação tem a ver com atividades de qualificação, mediação, concessão, classificação, certificação, exame, aplicação de prova, mas não se confunde com elas”. E quando se confunde, traz a exclusão à escolarização, provocada pelo descrédito do sujeito em si próprio. Mais um motivo que nos leva ao estudo do tema, com base em teóricos e pesquisa de campo que discutem a questão na busca de aprendizagens significativas para o educando.

A avaliação é parte integrante do ensino e da aprendizagem. Segundo Moretto (2010, p. 94) “O ensinar, um dia, já foi concebido como o transmitir conhecimentos prontos e acabados, conjunto de verdades a serem recebidas pelo aluno, gravadas e devolvidas na hora da prova”. Nesta visão tradicional, que ainda domina o processo de ensino nos dias de hoje, a avaliação de aprendizagem é encarada como um processo em que o aluno/aluna deve devolver ao professor/professora o que dele recebeu. Nesse caso não cabe dinamismo, nem explicação.

Em linhas gerais, o estudo realizado nessa pesquisa está fundamentado a partir dos autores Freire (2003), Méndez (2002), Silva (2003), Luckesi (2010), Hoffmann (2002) e outros, onde participaram como colaboradores 05 (cinco) docentes e 10 (dez) discentes de três escolas da rede pública municipal, trata dos entendimentos sobre avaliação da aprendizagem de professores e de alunos da Educação de Jovens e Adultos do município de Bezerros-PE, apresentando avanço e desafios referentes a temática, centrado na abordagem construtivista, mediadora e processual, a partir da seguinte problemática: A avaliação escolar estruturada no cotidiano da EJA causa inclusão ou exclusão do processo de escolarização?

A relevância da pesquisa está em podermos conhecer e repensar a função da avaliação escolar na EJA, tendo como objetivo geral repensar a função da avaliação escolar na Educação de Jovens e Adultos e suas implicações na prática pedagógica e, como objetivos específicos apreciar as concepções de avaliação compreendidas pelos educadores investigados; identificar a forma como se estrutura a avaliação do ensino e aprendizagem em sala de aula; e relacionar os avanços e os desafios revelados no contexto da prática avaliativa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO



A pesquisa instalada trata da análise da avaliação no processo de ensino e aprendizagem da EJA, centrada na abordagem mediadora, processual e construtivista. Sendo desenvolvida na Rede Pública Municipal de Ensino, com professores e alunos do 1º e 2º segmentos da Educação de Jovens e Adultos do Município de Bezerros-PE. Os professores e alunos serão identificados com códigos, sendo: P1, P2, P3, P4 e P5 e A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9 e A10, respectivamente. Sua análise será de caráter qualitativo. De acordo com Minayo & Sanches (1993), a investigação qualitativa atua em níveis de realidade e tem como objetivo trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa é de cunho descritivo. De acordo com Gonçalves (2001, p. 67), “a pesquisa descritiva objetiva escrever as características de um objeto de estudo. Entre esse tipo de pesquisa estão as que atualizam as características de um grupo social.” Com procedimentos metodológicos baseados em dados bibliográficos e de levantamento a partir da pesquisa de campo. A coleta de dados realizou-se por meio de observação direta aos instrumentos avaliativos utilizados em sala de aula, e através de questionários semiestruturados aplicados a 05 (cinco) docentes e 10 (dez) discentes da Educação de Jovens e Adultos, buscando registrar dados que revelassem os entendimentos e práticas que os professores têm sobre avaliação escolar.

Como o pesquisador participa do processo de investigação, temos uma pesquisa participante que é caracterizada, segundo Thiollent (2005), como um modo de observação em que o pesquisador se identifica com o grupo pesquisado, objetivando compreender o problema a partir da perspectiva do sujeito ou grupo. A intervenção desenvolveu-se através de encontro com os professores colaboradores com estudo e debate sobre o tema pesquisado e análise dos resultados dos questionários aplicados, relacionando avanços e desafios revelados na prática avaliativa na visão de professores e alunos colaboradores e com avaliação final da pesquisa-ação.

3 ANÁLISES DOS RESULTADOS

A pesquisa desenvolvida em três escolas da rede pública municipal, apresenta os resultados disposta em duas categorias, que de acordo com Franco (2012, p. 63), a categorização “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”.



Assim, elegemos duas categorias: entendimentos dos professores sobre avaliação escolar na EJA e entendimentos dos alunos sobre a avaliação escolar na mesma modalidade. Alguns dados coletados na pesquisa de campo estão dispostos em tabelas de forma fidedigna.

3.1 ENTENDIMENTOS DOS PROFESSORES SOBRE AVALIAÇÃO ESCOLAR NA EJA

Nessa categoria eleita para apresentação e análise dos resultados da pesquisa junto aos professores, serão apreciadas as seguintes questões: Definição e função da avaliação escolar e Prática avaliativa na atualidade da EJA: inclusão *versus* exclusão.

3.1.1 Definição e função da avaliação escolar

A avaliação faz parte do dia a dia seja de maneira espontânea, seja de modo formal. Com intensidade e significados particulares, está presente no cotidiano da comunidade escolar como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, dessa forma a avaliação não pode ser vista como um elemento estranho a esse processo. Nesse contexto, perguntamos aos professores: Como você define avaliação escolar? As respostas coletadas foram dispostas na tabela a seguir.

Tabela 1- Como os professores definem avaliação escolar

Professores	Respostas
P1	Defino como um processo contínuo, eficaz (caso aplicado com coerência) que deve ter como objetivo aprimorar o ensino e intensificar a aprendizagem.
P2	Deveria ser o norte da escola, ou seja, que cidadão e sociedade queremos ter.
P3	Um método de o professor conhecer as práticas que foram realizadas durante o período do bimestre.
P4	Para mim a avaliação escolar é algo contínuo e abrangente, que busca auxiliar o trabalho do educador no ensino-aprendizagem.
P5	É um processo que define diagnosticar e ajudar na aprendizagem do aluno.

Fonte: Primária, 2014



Em suas definições os professores P1, P2, P4 e P5 apresentam seus entendimentos de avaliação escolar, verificando-se uma concepção de avaliação educativa que se concretiza no processo, como mecanismo de acompanhamento contínuo, abrangente e eficaz com a função de auxiliar o trabalho do educador/educadora, aprimorando o ensino e intensificando a aprendizagem a partir do diagnóstico, contribuindo para o êxito das aprendizagens dos alunos. Ao conceber a avaliação como processo, os professores, segundo Haydt (2004), compreendem que ela deve fazer parte da rotina de sala de aula e deve ser utilizada como um dos aspectos integrantes do processo de ensino-aprendizagem.

Na definição do professor/professora P3, a avaliação tem evidências de mecanismo de classificação, onde por meio dos resultados o professor/professora vai conhecer a eficiência da forma como ensinou num determinado período. Nesse caso, intrinsecamente, conforme Antunes (2008), percebemos a presença da concepção de avaliação somativa, onde o instrumento avaliativo é utilizado de forma pontual, em momentos pré-definidos e como fim nele mesmo. Segundo Hoffmann (2002), existe uma contradição que caracteriza a avaliação escolar e a observação das experiências vivenciadas em sala de aula, entre o que é falado e o que é praticado por alguns docentes, indicando a ação classificatória e autoritária da avaliação ainda exercida no cotidiano das escolas. Tal contradição está relacionada à concepção de avaliação do professor/professora, reflexo de sua trajetória de vida como aluno/aluna e professor/professora.

3.1.2 Prática avaliativa na atualidade da EJA: Inclusão *versus* Exclusão

A prática avaliativa perpassa o trabalho docente enquanto prática pedagógica, segundo Santiago (2000), seja pela relação polarizada entre avaliados e avaliadores, seja pela dicotomia entre ensino e aprendizagem ou em função do efeito seletivo. A avaliação como uma das ferramentas do processo de ensino e aprendizagem apresenta formas diversificadas, seguindo as exigências dos objetivos propostos nesse processo. Segundo Vasconcelos (2005, p. 28): “O problema central da avaliação, portanto, é o seu uso como instrumento de discriminação e seleção social, na medida que assume no âmbito da escola, a tarefa de separar os “aptos” dos “inaptos”, os “capazes” dos “incapazes”.

Na perspectiva de redefinição, perguntamos aos professores colaboradores: Com a prática avaliativa vivenciada acontece a inclusão ou exclusão do aluno/aluna do processo de escolarização? Seguem os resultados.



Tabela 2- A prática avaliativa causa inclusão ou exclusão do aluno/aluna?

Professores / Respostas	
Inclusão	Exclusão
<p>P1 – A evasão escolar acontece mesmo, mas não tem como alvo a avaliação (a prática) e sim, outros fatores condicionados principalmente pela estrutura social da qual os alunos estão inseridos. A inclusão acontece a partir do momento que o aluno e o professor interagem na prática avaliativa, tendo como objetivos o ensino-aprendizagem.</p> <p>P2 – Depende da avaliação utilizada e dos objetivos preestabelecidos.</p> <p>P3 – Pois o aluno é avaliado de forma coerente e eficaz.</p> <p>P4 – Pois somos flexíveis no momento das avaliações, respeitando o desenvolvimento da aprendizagem de cada um.</p> <p>P5 – Pois hoje esse processo avaliativo procura trazer o aluno para a escola dando a ele mais oportunidade na aceleração do ensino.</p>	<p>P2 – Depende da avaliação utilizada e dos objetivos preestabelecidos.</p>

Fonte: Primária, 2014

Quando questionados sobre a avaliação escolar se essa causa inclusão ou exclusão no processo de escolarização, os docentes P1, P2, P3, P4 e P5 foram unânimes em optar pela inclusão, devido especialmente a forma como praticam a avaliação escolar na EJA, fruto de seus saberes de profissão e de experiência na docência com o ensino regular e EJA. No contexto, trazemos para a análise também as observações realizadas nas visitas as salas de aulas dos professores, onde em suas práticas, observamos a relação entre alunos e professores baseada no diálogo harmônico, a realização de atividades referente ao assunto dado norteado pela colaboração entre os estudantes e docentes, o acolhimento aos assuntos alheios ao tema trabalhado na aula como algo implícito a realidade que deve ser considerado. Nos reportamos no caso a Freire, que segundo Albuquerque e Silva (2006), confirma sua indignação com a avaliação que humilha, destrata, exclui, negando aos



alunos o direito de “ser mais”, para ele a problematização da avaliação é responsabilidade de todos e de todas que pensam e fazem escola.

Verificamos ainda a falta de alguns estudantes nas atividades avaliativas, por questões implícitas as condições sociais de alunos da EJA, como fator de negociação entre discente e docente, a preocupação com os critérios de seleção de instrumentos avaliativos para que atendam a realidade vivida pelos educandos/educandas, a necessidade de trabalhar os conteúdos úteis a outras aprendizagens e a reflexão sobre os caminhos viáveis para superação de dificuldades para alcançar o sucesso do rendimento escolar. Nessa realidade, os professores usam a avaliação como prática de inclusão, e não como prática de exclusão pra conhecerem os avanços e necessidades dos alunos e tomarem novas decisões no processo. Fazendo da avaliação um exercício contínuo, como coloca Méndez (2002), esses professores estão presentes a tempo de redirecionar as aprendizagens quando os alunos precisam de auxílio.

No caso da descrição do pesquisado P2, verificamos uma visão geral do colaborador que depreende reflexão, pois no contexto geral realmente, a avaliação pode causar inclusão ou exclusão dependendo da forma como é utilizada e dos objetivos preestabelecidos no processo de ensino. O desafio de cada professor/professora, segundo Méndez (2002), é incluir o aluno/aluna no processo de ensino e aprendizagem, construindo um espaço democrático, oportunizando o diálogo e a participação.

3.2 ENTENDIMENTOS DOS ALUNOS SOBRE A AVALIAÇÃO ESCOLAR NA EJA

Se para o professor/professora o processo avaliativo gera ansiedade, podemos imaginar o que representa para os alunos. Portanto, no intuito de analisar os entendimentos dos alunos da EJA sobre a avaliação escolar na atualidade, realizamos a pesquisa de campo coletando dados através de questionário, a respeito da prática avaliativa vivenciada por eles junto aos professores pesquisados.

3.2.1 Definição e função da avaliação escolar

Para identificar se houve a apreensão do que está sendo trabalhado em sala, o professor/professora utiliza-se da avaliação escolar. Assim, pesquisamos junto aos alunos as visões sobre a avaliação escolar praticada na EJA na atualidade, para entendermos melhor as práticas dos



professores e a função da avaliação na Educação de Jovens e Adultos. E inicialmente perguntamos: O que é avaliação escolar? Na tabela que segue estão as respostas dadas pelo colaboradores.

Tabela 3- O que é avaliação escolar?

Alunos	Respostas
A1	Avaliação e ver como o aluno Está aprendendo.
A2	O professor avalia notas comportamento nota de trabalho caderno completo.
A3	Avaliação é presta atenção no que es pessoa está fazendo.
A4	Forma de ver como a gente vai no estudo.
A5	É sempre que o professor passa um assunto e nos avalia com trabalhos em grupo, exercícios.
A6	É uma troca de aprendizado tanto do professor como o aluno.
A7	Avaliação é nota.
A8	É a professora emsina e a gente aprender.
A9	Quando ajente a serto o trabalho que foi feito.
A10	Emetudo que avalia os Estudantes emateria que ele emais desenvovido ou não.

Fonte: Primária, 2014

Analisando os dados coletados podemos verificar que os alunos A1, A3, A4, A5, A6, A8 e A10 entendem a avaliação escolar como processo contínuo de acompanhamento a construção do aprender do aluno/aluna, onde o professor/professora vai identificando como o aluno/aluna está aprendendo, se está aprendendo e mais, se a forma com está ensinando está trazendo resultados de êxitos as aprendizagens. Segundo Hoffmann (2005), avaliar é: “Cuidar para que o aluno aprenda mais e melhor, todos os dias.” A avaliação, nesse contexto, manifesta-se como um ato dinâmico e qualificador que auxilia o redirecionamento da ação, possibilitando sucesso na direção da construção dos rendimentos desejados.



Os alunos A2, A7 e A9 têm sua definição de avaliação ligada a medição, a acerto, a nota que transforma o processo dinâmico da aprendizagem em momentos pontuais e definitivos, como indicado por Luckesi (2010). Sob a forma de verificação, além de não obter as mais expressivas decorrências para a melhoria do ensino e da aprendizagem, ainda impõe aos alunos efeitos negativos, como a de viver sob o bloqueio do medo de reprovação — situação que ninguém deseja para si ou para o outro. Neste contexto, percebemos a presença da visão de avaliação tradicional, como colocado por Moretto (2010), ou seja, aquela experimentada na sua história de vida enquanto aluno/aluna na infância e/ou adolescência e não redefinida ainda no contexto escolar atual.

3.2.2 Avaliação escolar: Inclusão *versus* Ato amoroso

A avaliação é uma ferramenta-chave de todo o processo de ensinar e aprender. Quando é homogeneizada, fechada, rotineira, a avaliação tem pouca margem para se transformar num fato habitual e cotidiano. Contrariamente, as propostas abertas, que favorecem a participação dos alunos numa dimensão inclusiva e a possibilidade de observar, oferecem a oportunidade para uma avaliação que ajude a acompanhar todo o processo. A mudança necessária que gere uma educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação de hoje, porque incube a escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e educar a diversidade de seu público. A avaliação tem por fundamento acolher uma situação, para então refletir uma qualidade, tendo em vista dar-lhe base de mudança, se necessário. A avaliação, como ato diagnóstico, reflete uma ação acolhedora que objetiva a inclusão e não a exclusão do aluno/aluna, onde o aluno/aluna se sente acolhido da forma como ele é, e a avaliação surge para dar curso a vida, auxiliá-lo em seu crescimento não para excluí-lo.

Quando pensamos em avaliação, não podemos esquecer que esse tema pode traduzir inclusão ou exclusão à realidade escolar. Chegando à escola o aluno/aluna se depara com um sistema de ensino, cuja estrutura é pouco flexível, não oferecendo muito abertura para uma programação segundo as necessidades e ritmos específicos. A avaliação da aprendizagem na escola tem dois objetivos, segundo Luckesi (2010), auxiliar o educando/educanda no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem, e responder à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado. Nesse sentido, questionamos os alunos: A prática avaliativa escolar



vivenciada pelo professor/professora na atualidade deve mudar? Na tabela a seguir dispomos os resultados.

Tabela 4- A prática avaliativa escolar vivenciada pelo professor/professora na atualidade deve mudar?

Alunos / Respostas	
Sim	Não
	<p>A1 – Não deveria mudar porque ela já ensina muito bem, explica quantas vezes for preciso.</p> <p>A2 – Ela ensina muito bem.</p> <p>A3 – Gosto do jeito de cada um deles me ensinam e eu aprendo.</p> <p>A4 – O jeito como ela faz é o suficiente para nos ajudar.</p> <p>A5 – Pois ele está sempre nos ajudando, ele explica, explica até entendermos a matéria.</p> <p>A6 – Na forma que é ensinado, explicado com paciência, carinho, não precisa mudar nada.</p> <p>A7 – Está bom o que ela ensina.</p> <p>A8 – Porque estamos aprendendo.</p> <p>A9 – Pra mim está muito bom, não poderia ser melhor só a oportunidade de estar estudando já é tudo.</p> <p>A10 – Eu justifico porque a forma é magnífica, importante eu não tenho nada a reclamar.</p>

Fonte: Primária, 2014

Na visão dos alunos pesquisados, a forma como é praticada a avaliação do ensino e da aprendizagem na EJA em 100% (cem por cento) não deveria mudar, pois a maneira como os professores conduzem o processo de construção do saber, com carinho, paciência, retomando as aprendizagens necessárias, fazendo com que os alunos aprendam, concretizem a satisfação e inclusão dos alunos no processo de escolarização, traduzindo-se, assim, o processo de avaliação como elemento utilizado para o êxito do aluno/aluna, onde cumpre, segundo Vasconcelos (2005, p. 87), com sua função social: “favorecer que os alunos possam aprender mais e melhor, tendo em vista o compromisso com uma sociedade mais justa e solidária”. Onde o aluno/aluna se sente



acolhido da forma como ele é, e a avaliação surge para dar curso a vida, auxiliá-lo em seu crescimento não para excluí-lo.

Assim, sabendo os professores a que se ater em sua função prática e discursiva, e a partir de uma postura intelectual reflexiva transformadora, contribuem no cotidiano para inclusão e não para a exclusão dos alunos no processo de construção do conhecimento. A avaliação não fornece dados só para que o professor/professora possa realizar um trabalho de recuperação e aperfeiçoar seus procedimentos de ensino, como também oferece ao aluno/aluna informação sobre seu desempenho em decorrência da aprendizagem dando-lhe oportunidade para recuperar suas carências. Na realidade, a avaliação da aprendizagem apresenta-se criticamente analisada pelos alunos, sendo desejada por eles como prática educativa participante, tornando-se acolhedora, integrativa e inclusiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sala de aula e na escola avaliamos mais do que temos consciência. Um olhar, um gesto, uma expressão de confiança, uma recusa, tudo isso funciona, para alunos e professores como indicador de avaliação. Segundo Zabala (2002), devemos tentar ser ponderados e discretos em julgamentos, porque o tema é complexo, pois proporciona informações e sempre questiona todo o processo de ensino e aprendizagem.

Analisando as concepções de avaliação, entendemos que parte dos professores apresentam uma concepção de avaliação educativa que se concretiza no processo, como mecanismo de acompanhamento contínuo, abrangente e eficaz com a função de auxiliar o trabalho do educador/educadora, para um outra parte dos professores pesquisados, a avaliação tem evidências de mecanismo de classificação. Embora, observa-se na prática de sala de aula, desses mesmos professores, uma preocupação constante e uma atitude de professor/professora reflexivo, acompanhando e regulando a forma como o aluno/aluna está aprendendo, desafio do novo milênio para a educação.

Os professores são desafiados, principalmente, a aprofundar seus conhecimentos no campo da avaliação escolar na própria prática de sala de aula, contando com os saberes de experiências realizadas na docência nas turmas regulares de ensino para atuar na EJA. Porém tudo isso exige uma mudança, estando esse processo relacionado tanto com o desejo desses educadores/educadoras de querer mudar, quanto com uma formação inicial e continuada coerentes. Outro desafio, inerente à



prática avaliativa é que faz-se indispensável uma reflexão sobre a prática educativa que envolve a relação pedagógica entre o planejamento, sua efetivação através do ensino e da aprendizagem, o processo educativo e as condições de trabalho dos docentes da educação, favorecendo aos professores refletir a ação para reelaborar sua postura pedagógica, havendo a necessidade destes, terem nas escolas, um plano de estudo que atenda às precisões de sua prática, ciente das possibilidades e limites dessa reflexão.

O estudo realizado contribuiu para repensar a avaliação da aprendizagem na EJA, porém traz a necessidade de novas pesquisas no campo da avaliação escolar nessa modalidade, pois a construção realizada aconteceu de forma breve e com um número pequeno de pesquisados, necessitando de estudos mais específicos que colaborem para o aprofundamento de análises mais específicas no campo investigado.

Concluimos com a certeza do compromisso que temos, enquanto profissionais da educação e seres humanos sociais, o do cumprimento do papel social do docente, o de ensinar numa perspectiva de sucesso de todos e de cada um, fazendo com que todos os alunos aprendam, democratizando o ensino para transformar a sociedade.

REFERÊNCIAS

- FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. 3ª ed. Brasília: Liber livro, 2012.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.
- HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. Série Educação – 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- HOFFMANN, Jussara. Por uma mudança efetiva da avaliação. **Revista Direcional Educador** – ed. 09 – out/2005.
- _____. **Avaliação Mito & Desafio**. 31ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 21ª ed. 2010.
- MÉNDEZ, Álvarez J. M. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Tradução de Magda Schwarzhaupt Chaves. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES. **Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementaridade?** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, V.9, nº 3, p. 239-262, 1993.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 9ª ed. Cap. 09, Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.
- SILVA, Jansen Felipe. **Práticas Avaliativas e aprendizagens significativas**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. 15ª ed. São Paulo: Libertad, 2005.
- ZABALA, Antoni. **A Avaliação**. Porto Alegre: Artemed, 1998.